

## **Representações sociais de uma ferrovia: um estudo de caso sobre os maquinistas da estrada de ferro vitória minas – EFVM**

**Autoria:** Ubiratan Corrêa Ribeiro de Oliveira, Gelson Silva Junquilha, Josiana Binda, Michelle Oliveira Menezes Moreira

### **Resumo**

Este artigo investiga as representações sociais de uma ferrovia de grande representatividade histórica e fortes características regionais, sob a ótica de uma de suas classes de trabalhadores – os maquinistas das estradas de ferro. Seu objetivo central é descrever e interpretar as representações simbólicas da Estrada de Ferro Vitória Minas, verificando como estas representações influenciam no cotidiano laboral da instituição investigada. Utiliza-se de referencial teórico baseado na teoria das representações sociais e no simbolismo organizacional. O trabalho utilizou como método o estudo de caso, sendo que os dados primários foram obtidos por meio de entrevistas semi-estruturadas com os maquinistas da estrada de ferro e os secundários mediante consulta de documentos diversos. A análise dos dados emprega procedimentos qualitativos, utilizando-se algumas características apresentadas pela análise de conteúdo, mais especificamente a categorização. Os resultados da análise dessas representações revelam que, além do prescrito, do observável, das “aparências”, existem significações e representações simbólicas acerca da ferrovia, que influenciam, de forma determinante, a percepção dos funcionários com relação à organização.

### **1. Introdução**

Tendo sua origem em 12 de julho de 1890, por um decreto assinado por Deodoro da Fonseca, e tendo como principais intuítos para sua criação escoar as riquezas da região das Minas Gerais e colonizar o norte do Estado do Espírito Santo, a Estrada de Ferro Vitória a Minas - EFVM faz hoje a ligação destes estados, consagrando-se como peça fundamental para o desenvolvimento da região e, por que não dizer, do Brasil. Devido a sua importância é impossível dissociar qualquer análise econômica, política, social e histórica destes estados que não contemplem uma análise mais detalhada da influência exercida por esta empresa nos seus processos desenvolvimentistas.

À Ferrovia estão ligados diversos fatos históricos e estórias que povoam o imaginário da população que vive no seu entorno e de seus funcionários. Cidades surgiram ao longo das suas linhas, trazendo consigo progresso e desenvolvimento, assim como, todos os tipos de problemas sociais inerentes ao desenvolvimento não sustentável.

Nota-se que a produção do conhecimento científico na administração atrelado aos aspectos regionais vem sendo debatida por alguns pesquisadores (CALDAS, 1997; FISCHER; MCALLISTER, 2001), mas, segundo Cavedon (2004, p. 174),

A geração de pesquisas com esta característica, em se tratando das dimensões de um país como o Brasil, ainda se configura como inexpressiva, especialmente, com relação a determinadas organizações cujas interfaces remontam aos aspectos históricos e culturais peculiares de uma dada localidade ou região.

Sendo assim, julgou-se relevante desenvolver um estudo que mostrasse as especificidades e peculiaridades de um determinado universo organizacional da região sudeste, especificamente a Estrada de Ferro Vitória a Minas, com vistas a desvendar quais são, e como podem influenciar no

ambiente organizacional, as representações simbólicas construídas durante décadas de relações sociais.

Assim, pretendeu-se, mediante um estudo de caso da estrada de ferro vitória a minas - EFVM, verificar como a dimensão simbólica permeia as relações de trabalho e como esta dimensão cria significados para o trabalho de uma determinada categoria desta organização - a categoria dos maquinistas.

Para tal finalidade, o artigo foi estruturado da seguinte forma: no segundo tópico, é apresentada a fundamentação teórica, dividida em duas partes, são elas: simbolismo nas organizações e representações sociais. Primeiramente, buscou-se demonstrar que as organizações tradicionais têm falhado ao reduzir a importância do lado simbólico da vida organizacional, utilizando-se de teorias mecanicistas e empiristas, simplificando a natureza das organizações, repletas de simbolismo e subjetividades. Em seguida, procurou-se demonstrar que nesta perspectiva psicossociológica os indivíduos não agem como meros reprodutores de crenças coletivas e ideologias, e muito menos como meros processadores de informações organizacionais. Agem como pensadores ativos que, por intermédio da interação social, produzem diversas representações que podem ser compartilhadas, modificadas, assimiladas ou substituídas por outras representações, influenciando, assim, na formação das culturas na organização.

O quarto e quinto tópicos são dedicados a descrever a metodologia desenvolvida na pesquisa e a caracterização da empresa, respectivamente. Utilizou-se como método o estudo de caso, sendo que os dados primários foram obtidos por meio de entrevistas semi-estruturadas com os maquinistas da estrada de ferro e os secundários mediante consulta de documentos diversos. A análise dos dados emprega procedimentos qualitativos, utilizando-se algumas características apresentadas pela análise de conteúdo, mais especificamente a categorização.

O sexto tópico busca descrever as representações sociais da ferrovia para os maquinistas da Estrada de Ferro Vitória Minas, interpretando essas representações, à luz do marco teórico utilizado neste artigo. E finalmente, no sétimo são apresentadas as considerações finais. Destaca-se a necessidade de reconhecer as complexidades que permeiam as discussões sobre a suposta gestão da “cultura” pelas organizações, considerando os resultados da pesquisa que parecem indicar mais a busca por instrumentais de gestão voltados para a mediação das heterogeneidades das representações e práticas dos atores sociais do que a sua simples homogeneização.

## **2. Simbolismo nas organizações**

Conceitos relegados, no passado, ao universo das ciências puras – antropologia, sociologia, psicologia, etc. – tais quais a cultura, os símbolos e os mitos, invadem atualmente o mundo da gestão de empresas (AKTOUF, 1994; MORGAN, 1996; CHANLAT, 1996, 2000; MOREIRA, 2002).

Esta condição se deve, em grande monta, ao fato de que

Como todo universo social, o mundo da empresa é igualmente um mundo de signos, um espaço onde as diferentes linguagens se entrecrocaram, um teatro onde se passam comédias, tragédias e dramas, uma realidade mais ou menos imaginária, um universo de

onde saem significações múltiplas que dão um sentido as diversas ações (CHANLAT, 2000, P. 72).

No entanto, as organizações tradicionais têm falhado ao reduzir a importância do lado simbólico da vida organizacional, submetendo-a ao subjugo de teorias mecanicistas e empiristas, simplificando a natureza das organizações e voltando o seu foco para os aspectos formais e racionais destas organizações, em detrimento das questões relativas aos complexos padrões da atividade humana, existentes nestes locais (MORGAN et al, 1983; TURNER, 1990).

Chanlat (1996, p. 30-31) cita que, apesar de “as organizações, enquanto espaço particular da experiência humana”, traduzirem locais ideais para a emergência e a difusão do simbólico, há que se notar que “este simbólico é marcado por uma tensão característica das sociedades industrializadas em que, de um lado, existe a razão econômica que reduz a significação atribuída ao trabalho e, do outro lado, aparece a existência humana na procura ininterrupta do simbólico”.

Assim, as organizações não podem ser vistas como “simples sistemas, como máquinas ou organismos adaptativos; elas são sistemas humanos que manifestam complexos padrões de atividade cultural” (MORGAN et al, 1983, p. 4) e, como tais devem ser analisadas, não somente pelo foco instrumentalista das teorias mecanicistas, mas também, pela sua potencialidade no desenvolvimento de uma teoria baseada no conhecimento das peculiaridades simbólicas humanas.

Neste sentido, a organização é considerada um ambiente carregado de ambigüidades e paradoxos, onde signos e símbolos lingüísticos podem ser interpretados de diferentes formas, por diferentes indivíduos, em diferentes tempos, lugares, situações e contextos, tecendo-se, assim, uma emaranhada teia nas organizações, carregada de simbolismo, que está à espera de ser desvendada.

A capacidade de interpretar o mundo por intermédio de um sistema simbólico, exclusivo da natureza humana, destaca uma característica paradoxal da função simbólica, pois o indivíduo passa a estabelecer relações irrealis, para permitir sua adaptação a realidade social vigente (AUGRAS, 1967).

Os sinais quando revestidos de significação subjetiva, tornam-se símbolos que, podem ser tecidos em padrões culturais complexos, e podem ser criados e recriados, a qualquer tempo, dependendo para isto apenas da intervenção humana. “Qualquer objeto, ação, evento, expressão vocal, conceito ou imagem se oferece como matéria-prima para criação de símbolo, em qualquer lugar, e a qualquer hora” (MORGAN et al, 1983, p. 5-6).

A linguagem também representa um importante veículo de transmissão de representações simbólicas dentro das organizações. Segundo Berger e Luckmann (1985, p. 53-68), “a linguagem [...] é o mais importante sistema de sinais da sociedade humana”, sendo sua compreensão essencial para a compreensão da vida cotidiana.

Desta forma, percebe-se que, além do seu sentido literal, a linguagem carrega elementos que, por sua subjetividade, pode permitir uma gama infinita de interpretações simbólicas, onde, muitas vezes, o significado encontra-se “além das palavras”.

Conforme demonstra Garrioch (1997, p.121),

[...] o falar é um ato cuja importância se situa além da definição literal, contida nos dicionários, das palavras usadas. Nenhum tipo de comunicação, verbal ou não-verbal, pode ser entendido sem referência ao contexto social no interior do qual é produzido.

Morgan et al (1983, p. 11) cita que, “o uso da linguagem é rico em significação simbólica, levando a padrões de significado que fazem muito para evocar e definir as realidades de vida organizacional”, sendo assim tópico central para a análise do simbolismo organizacional.

Os autores propõem, ainda, algumas possibilidades para os estudos sobre simbolismo nas organizações, baseados nos estudos de Burrell e Morgan (1979), sobre os paradigmas dos estudos organizacionais. As abordagens propostas pelos autores são divididas em quatro paradigmas, a saber: funcionalista, estruturalista radical, humanista radical e interpretativista, que estariam amparados por diversas metáforas.

A abordagem interpretativa e suas metáforas (jogo de linguagem, teste, construção de sentido, cultural e teatral), entende que todos os aspectos voltados para a cultura nas organizações são complexos e problemáticos e visa, como foco central, entender como as práticas sociais criam e sustentam os elementos simbólicos, criando e recriando o ambiente cultural, como uma teia de significados compartilhados pelos membros desta organização. Sob esta ótica os mesmos símbolos podem significar diferentes coisas para diferentes pessoas ou grupos, pois eles são usados para dar sentido em diferentes formas, lugares e tempos. Desta forma o significado dos símbolos não está no conteúdo intrínseco do símbolo, mas na forma em que, mediante as relações sociais, estes símbolos foram criados (MORGAN et al, 1983, p. 22-25).

Neste estudo, será adotado o paradigma interpretativo como base para as análises das representações simbólicas na organização estudada, uma vez que o objetivo final deste trabalho será o de identificar como se constroem estas representações simbólicas no cotidiano laboral dos pesquisados.

É por acreditar que o processo de internalização de símbolos é construído tanto por um processo de bricolagem individual quanto de grupos sociais (RODRIGUES et al, 2002; LINSTED; GRAFTON-SMALL, 1990), que esta abordagem foi escolhida em detrimento das demais vertentes.

A seguir serão abordados alguns temas relativos a representações sociais nas organizações, visando mais uma vez, uma aproximação teórica com o tema ora em estudo.

### **3. Representações sociais**

“O termo representações sociais designa tanto um conjunto de fenômenos quanto o conceito que os engloba e a teoria construída para explicá-los, identificando um vasto campo de estudos psicossociológicos” (SÁ, 1995, p. 19).

Segundo Sá (1995), Farr (1995), Machado Filho (2003) e Vergara e Ferreira (2004), a teoria das representações sociais foi desenvolvida por Serge Moscovici no final dos anos 50, tendo como

seu principal difusor a obra *La Psychanalyse: son image et son public*, publicada em 1961, o que marcou “o estabelecimento de uma percepção inovadora a respeito da integração entre os fenômenos perceptivos individuais e sociais” (VERGARA; FERREIRA, 2004, p. 3).

Jodelet (2001, p. 22), reconhecida seguidora dos passos de Moscovici, observa que

Como fenômenos cognitivos, envolvem a pertença social dos indivíduos com as implicações afetivas e normativas, com as interiorizações de experiências, práticas, modelos de condutas e pensamento, socialmente inculcados ou transmitidos pela relação social, que a ela estão ligadas.

Sobre este tema Moscovici (1995) cita que existe, e sempre existirá, uma complementaridade entre o indivíduo e o social, mesmo que em determinados momentos esta convivência não seja livre de tensões e conflitos. Nas palavras do autor

[...] o conflito entre o individual e o coletivo não é somente do domínio da experiência de cada um, mas é igualmente realidade fundamental da vida social. Além do mais, todas as culturas que conhecemos possuem instituições e normas formais que conduzem, de uma parte a individualização, e de outra, à socialização. As representações que elas elaboram carregam a marca desta tensão conferindo-lhe um sentido e procurando mantê-la nos limites do suportável. Não existe sistema sem sujeito nem sujeito sem sistema. O papel das representações partilhadas é o de assegurar que sua coexistência é possível (MOSCOVICI, 1995, p. 12).

Cavedon (1999, p. 3) apoiada nas obras de Moscovici, afirma que as representações podem apresentar-se como prescritivas, uma vez que se “impõe sobre os indivíduos com uma força irresistível que combina uma estrutura pré-existente ao pensar do indivíduo a uma tradição que dita o que deve ser pensado”. Este pensar, longe de ser uma verdade absoluta, e de gerar consenso, gera divergência entre os pesquisadores das representações sociais.

É nesta complementaridade existente entre o indivíduo e a sociedade, proposta por Moscovici, e nas representações que deles emanam que Farr (1995) baseia-se para afirmar que a psicologia social, e as demais ciências que abordam os estudos das representações estão especificamente interessadas na relação existente entre o indivíduo e a sociedade, sendo que, estas mesmas ciências, perderiam a sua “vitalidade” se um dos pólos dominasse o outro.

Nesta perspectiva psicossociológica os indivíduos não agem apenas de forma mimética, como meros reprodutores de crenças coletivas e ideologias, e muito menos como meros processadores de informações. Funcionam como pensadores ativos que, por intermédio da interação social, produzem diversas representações que são compartilhadas, modificadas, assimiladas e, até mesmo, substituídas por outras representações, pelos atores que compartilham do ambiente no qual estão inseridos.

Vergara e Ferreira (2004, p.4) citam que as representações sociais podem ser vistas, também, como “produção cultural de uma determinada sociedade”, tendo como uma das suas principais funções a manutenção da identidade do grupo por meio da resistência a incorporação de novas representações, externas a este grupo. Esta função de resistência buscaria “a manutenção da heterogeneidade no mundo simbólico de contextos intergrupais”, permitindo a manutenção da autonomia das diferentes “subculturas” existentes em um mesmo âmbito relacional. Desta forma

as representações sociais teriam uma “função pragmática”, que “possibilitaria a uma comunidade social resistir à influência hegemônica de outra, funcionando assim como um “sistema cultural imunizante” em um contexto intergrupar, onde inovações simbólicas são ativamente neutralizadas através de sua ancoragem em formações tradicionais (BAUER, 1995). No entanto, Vergara e Ferreira (2004) ressaltam que esta resistência não impede a modificação das representações sociais existentes, uma vez que estas incorporam as inovações que interessam ao grupo.

Segundo Moscovici (1978) as representações sociais apresentam-se como uma modalidade de conhecimento que permite compreender um dado objeto social, a partir do que é produzido e partilhado no senso comum. Este objeto, por sua vez, pode ser apreendido a partir de elementos compartilhados socialmente por grupos distintos. Desta forma, tratando-se de uma “modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre os indivíduos” (MOSCOVICI, 1978, p. 26), as representações sociais, “interagindo com as práticas sociais, engendram-se mutuamente e de tal forma que exercem um papel preponderante no aparecimento e manutenção dos comportamentos” (PERIM, 2000, P.62).

Por sua dinâmica, as representações sociais não podem ser analisadas fora de um contexto histórico particular a que as mesmas foram criadas e disseminadas, através da prática e da interação dos atores sociais. Sobre este tema, Moreira (1999, p. 95) versa que

As representações sociais são as formas concretas que preenchem os quadros espaço-temporais. Elas constituem, por isso, "mediações" entre a realidade e as idealizações, e vice-versa. Neste ponto de vista não se limitam apenas ao cotidiano, ampliando as noções de tempo e espaço. Aqui não se pode deixar de considerar a "ação" apreciável da memória enquanto não apenas expressão do tempo, mas igualmente das práticas significantes. Ela ocupa um lugar importante como depositária dos acontecimentos, lembranças, recordações, como organizadora das significações. Através das lembranças dos sujeitos, as representações fazem vir à tona acontecimentos vividos em outros tempos, em outras circunstâncias e momentos e, através desta "atualização", atribuem sentido ao presente.

Por sua utilidade na busca de uma melhor compreensão das relações sociais e das práticas coletivas dos grupos em dada sociedade (VERGARA, 2003), os estudos acerca das representações sociais demonstram ser adequados na busca ao entendimento de como se dão as construções simbólicas, e como os indivíduos destas se utilizam para dar sentido ao mundo e nele construir um ambiente propício à identificação, tanto pessoal quanto grupal (GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 1995), transformando desta forma o “não familiar” em “familiar” e permitindo sua apropriação por indivíduos ou grupos sociais (MOSCOVICI, 2004).

Entender como estas formas simbólicas de expressão, enquanto mediadoras entre a realidade e as idealizações, entre o “não familiar” e o “familiar” criam uma nova realidade social e, como o novo vai sendo incorporado ao universo conhecido a partir da tradição ou da realidade consensual, produzindo assim uma transformação das representações da realidade da vida cotidiana (WAIANDT, 2005, p. 65), passam a ser fator primordial para o entendimento das práticas organizacionais.

Utilizando as palavras de Moreira (1999, p. 95) sobre a importância de estudar as representações sociais no ambiente organizacional, destaca-se que

[...] examinar o que se passa no interior destas pequenas unidades de produção, as relações que aí se alimentam os confrontos que aí se desenham e as dimensões sociais e política que elas exprimem: as experiências da vida cotidiana de seus integrantes e a forma pela quais as relações sociais dão lugar a processos de identificação que se exprimem nas representações culturais dos sujeitos em relação. Estes estando determinados pelas relações sociais de produção e pela sua herança social e cultural, criam ao mesmo tempo um mundo próprio que nós podemos perceber a partir de suas representações imaginárias.

#### **4. Aspectos Metodológicos**

Conforme proposto por Trivinos (1987), buscou-se, nesta pesquisa, interpretar a realidade tal qual ela se apresenta, entendendo-a a partir da percepção daqueles que se envolvem e do significado que ela adquire para esses indivíduos. Para tanto, a descrição e a interpretação do fenômeno estudado foi feita com a finalidade de atingir sua compreensão apenas. Não foi, portanto, buscado realizar intervenções na organização estudada, ainda que se tenha consciência de que, em um estudo deste tipo, não é possível total neutralidade da parte do pesquisador.

Esta pesquisa utilizou a abordagem qualitativa, já que a mesma caracteriza-se por usar dados sobre um determinado fenômeno que não pode ser quantificado, ou quando as análises de cunho quantitativas não oferecem aparato suficiente para a compreensão dos fatos estudados.

Utilizando-se, ainda, a taxionomia proposta por Vergara (2003), esta pesquisa foi caracterizada, também, por dois critérios básicos: quanto aos fins e quanto aos meios. Quanto aos fins, esta pesquisa é descritiva, pois expôs características de determinada população ou fenômeno, sendo, no caso deste estudo, as construções simbólicas dos maquinistas da Estrada de Ferro Vitória a Minas e as representações sociais que derivam destas construções. Quanto aos meios, a pesquisa foi primordialmente um estudo de caso, mas adotará, também, características de uma pesquisa de campo, documental, bibliográfica:

Os dados foram obtidos por meio de fontes primárias e secundárias. O instrumento de coleta de dados primários foi à entrevista semi-estruturada, e, a coleta de dados secundária se deu através de consulta a documentos, arquivos e diários, de domínio público e privado (documentos da própria Estrada de Ferro Vitória a Minas).

Essas múltiplas fontes, por convergirem para o mesmo fenômeno, possibilitaram a triangulação de fontes de dados e, conseqüentemente, uma pesquisa mais bem-sucedida, sobre o ponto de vista de possíveis questionamentos quanto à sua validade (YIN, 2001). A partir daí, foi possível iniciar as entrevistas semi-estruturadas em conjunto com a continuidade da análise de registro em arquivos e documentos, uma vez que os próprios entrevistados indicavam a existência de determinados documentos por eles acessados, confirmando a importância do uso conjunto de diversas fontes de coleta de dados, que viabilizaram a investigação.

A análise e interpretação dos dados foram feitas de forma qualitativa, utilizando-se algumas características apresentadas pela análise de conteúdo, mais especificamente, a categorização (BARDIN, 1977).

Por fim, a partir de padrões ou recorrências em termos de palavras, frases, idéias e tópicos, de interesse (BOGDAN; BIKLEN, 1994), obtidos por meio de releituras do referencial teórico e dos dados coletados, permitiu-se a classificação dos dados recolhidos em cinco categorias de análise, a saber: esperança e a prosperidade, pertença e o reconhecimento, poder; status e pontos de ruptura.

Para a escolha dos sujeitos, sendo esta pesquisa de caráter qualitativo, utilizou-se os princípios de amostras não-probabilísticas, conhecidas também por “amostras intencionais” (CONTRIOPIoulos et al, 1994; DUARTE; FURTADO, 2002).

Foram feitas entrevistas semi-estruturadas, em profundidade, onde foram entrevistados doze maquinistas (identificados como Maquinista 01, Maquinista 02, e assim sucessivamente), divididos em três grupos – acima de vinte anos de trabalho na empresa, entre oito e vinte anos de empresa, com até oito anos de empresa, com vistas a abordar membros que vivenciaram os diversos momentos da organização, a saber, respectivamente: a empresa estatal, o período de transição e a empresa privada.

## **5. A EFVM**

A EFVM conta com 959,40 quilômetros de extensão de linha, sendo 594 quilômetros em linha dupla, correspondendo a 3,1% da malha ferroviária brasileira. Dispõem de 15.376 vagões e 207 locomotivas e transporta, atualmente, cerca de 110 milhões de toneladas por ano, das quais 80% é minério de ferro e 20% correspondem a mais de 60 diferentes tipos de produtos, tais como aço, carvão, calcário, granito, contêineres, ferro-gusa, produtos agrícolas, madeira, celulose, veículos e cargas diversas. Não obstante ao seu crescimento, a EFVM mantém, ainda, o seu de transporte de passageiros, levando, anualmente, centenas de milhares de pessoas ao longo de seu traçado.

Desde os primórdios, ainda então em seu formato primitivo, EFVM contribuiu de forma efetiva para o desenvolvimento dos estados e municípios a que atendeu. Gerando condições para a ocupação de terras devolutas às margens da ferrovia e propiciando condições para instalação de aglomerados urbanos, a estrada de ferro veio de forma determinante consolidar a condição ideal para o desbravamento e a expansão das localidades por onde passou.

Ao se transformar na maior transportadora de minério de ferro do mundo e propiciar condições para a ligação das minas do estado de Minas Gerais aos portos capixabas, a EFVM lançou, de forma definitiva e incontestável, estes estados no contexto, não só nacional, mas também mundial.

## **6. Análise dos dados**

Na tentativa de desvendar as representações simbólicas da EFVM para os seus maquinistas, optou-se por reproduzir diferentes trechos das falas dos atores organizacionais pertencentes a esta categoria de trabalhadores. Esses extratos, numerados em ordem crescente, são fragmentos retirados da transcrição bruta das entrevistas e representam os “temas” trabalhados na categorização, que deram subsídios para desvendar os elementos das representações simbólicas e as suas interpretações que, agora, serão apresentadas.



A seguir serão descritas as representações simbólicas identificadas durante o estudo de caso da EFVM.

### 6.1 “Uma luz no fim do túnel”: a estrada de ferro como fonte de esperança e prosperidade

Verificou-se que a totalidade da amostra desta pesquisa utiliza-se de um discurso que define a sua condição socioeconômica, anterior a entrada na EFVM, como “humilde”, “muito ruim” ou mesmo “penosa”, como se pode exemplificar pela fala dos atores, no fragmento que segue:

[com relação a sua situação antes de entrar na EFVM] Ah! era muito difícil, sempre foi. [...] Faltava muita coisa, nós não tínhamos conforto nenhum. Conforto nenhum! Esse negócio de geladeira, televisão, essas coisas não existiam, na minha família não (Maquinista 10)!

Os fragmentos de narrações abaixo formam o pano de fundo ideal para o surgimento do primeiro elemento das representações simbólicas identificadas neste estudo: a estrada de ferro como fonte de esperança e prosperidade, ou mesmo, “uma luz no fim do túnel” para aqueles que nela ingressassem, e para os que nela ingressam.

[...] eu enxergava a ferrovia como um emprego estável, né? E sempre, os ferroviários que nós conhecíamos na época, eram sempre bem humorados, eram [...] tinham uma vida melhor que a da gente, então o interesse nosso era que [a vida] fosse pelo menos igual a eles. Foi isso que me incentivou a chegar na ferrovia, esta expectativa de dias melhores (Maquinista 11).

Nota-se que, independentemente condição social atual dos atores, todos os entrevistados entendem que a sua entrada na EFVM significou, em um primeiro momento, uma mudança radical de sua situação socioeconômica. Como se pode perceber no fragmento abaixo.

[...] Pra mim é como se fosse o topo, o topo de uma carreira de uma pessoa, que veio de [...] assim como eu, vim de uma infância onde só se via pessoa puxando enxada ou vassoura, ou pocando [quebrando] pedra. Estar aqui pra mim é o máximo, a Vale foi pra mim, tipo assim [...], uma luz no fim do túnel. (Maquinista 11).

Neste cenário, a organização passa a funcionar como uma superfície que projeta para o indivíduo essa imagem grandiosa (que ela tem de si) e que ele acredita poder absorver para se completar e realizar os seus desejos de ser amado e reconhecido. Com a imagem grandiosa e auto referente, aparecendo como humanizada, espelhando a voz, o olhar e o seio protetor da mãe, a organização se coloca como o lugar que deve ser merecido, o núcleo da realização e da glória (PAGÉS, 1979).

Desta forma, esperança na vinda de “dias melhores” foi, e continua sendo, o margeador de inúmeras falas acerca da vida funcional dos maquinistas da EFVM entrevistados, mesmo percebendo-se que a condição socioeconômica atual dos entrevistados difere, de forma substancial, quando analisados os diferentes grupos de atores, ou seja: funcionários com até oito anos de empresa, com entre nove e vinte anos de empresa e com mais de vinte anos de empresa.

## 6.2 “Nós, os maquinistas, uma categoria diferenciada”: representações de pertença e reconhecimento.

Observa-se no interior do grupo entrevistado uma forte coesão em torno da interpretação do que viria a ser “a categoria dos maquinistas”, ou seja: “uma categoria diferenciada”. O que pode ser percebido no fragmento a seguir:

[...] Ser maquinista é pertencer a um grupo diferenciado, você é visto com outros olhos, disso eu não tenho dúvidas não. A acolhida é diferente. [...] Hoje eu imagino que seja por causa das condições de trabalho, pois quando você está no trecho, e acontece algum tipo de situação inesperada, você não tem mais ninguém para contar com ele, a não ser os seus colegas de trabalho. Acho que é isto que une as pessoas [...], é conhecer a realidade do outro, e respeitar as suas limitações (Maquinista 03).

Este fato, segundo Motta e Vasconcelos (2002), é natural, uma vez uma organização pode ser entendida como uma minissociedade composta por diversos grupos de atores sociais, e que indivíduos que desempenham trabalhos similares tem uma forte tendência a desenvolver representações simbólicas semelhantes, gerando condições propícias para a identificação e a coesão grupal.

Verifica-se assim o segundo elemento de representação identificada junto aos sujeitos de pesquisa analisados, “o sentimento de pertença” a um dado grupo social, que se diferencia dos demais, mantendo, assim, a sua identidade cultural própria.

No entanto, ao fazer uma verificação mais minuciosa sobre a fala dos entrevistados, verificam-se divergências entre os sujeitos de pesquisa no que tange a homogeneidade do grupo. Diferenciações tais quais, “maquinista antigo” versus “maquinista novo”, “maquinista experiente” versus “maquinista aprendiz”, “maquinistas de manobra” versus “maquinistas do trecho”, “maquinista de verdade” versus “os outros maquinistas”, fazem com que subdivisões sejam criadas dentro desta classe, a princípio homogênea, dando sinais do que pode ser entendido como uma possível fragmentação (MARTIN, 1992) do grupo estudado.

[...] Na minha cabeça existem dois tipos de maquinistas, o maquinista de verdade e os outros, ou você entende ou não entende da profissão. [...] No meu ponto de vista, esta diferença esta muito na forma com eu estão contratando maquinistas novos. Hoje é só você ter um curso técnico que você já entra como maquinista, aí você sabe, não é mesmo [...]? Estudo não é tudo. [...] antigamente, os maquinistas antigos, tinham que ralar muito pra chegar a maquinista, primeiro você era manobreiro, depois auxiliar e só depois de um bom tempo virava maquinista. Era bem diferente de hoje [...] (Maquinista 08).

Nesse ponto, as “representações compartilhadas” exercem o papel fundamental de mediador entre as representações individuais e as representações coletivas, reduzindo as tensões internas dos grupos, e possibilitando que diferentes representações coabitem em um mesmo espaço ou grupo social (MOSCOVICI, 1995).

No entanto, estas representações simbólicas subjacentes não podem ser desprezadas, uma vez que a sua existência pode denotar a existência de um processo de exclusão social interna, uma vez que, segundo Souza (2004, p. 61) “a característica mais importante que se pode identificar na

definição genérica de exclusão refere-se a privação”, onde excluir é afastar, mesmo que o afastar seja o ato de segregar indivíduos, dentro de um mesmo grupo social.

Assim, de forma paradoxal, a inclusão e a exclusão convivem, lado a lado dentro deste grupo, a princípio tão homogêneo, demonstrando que pertencer a uma “categoria diferenciada”, a “categoria dos maquinistas”, pode significar pertencer, ao mesmo tempo, pertencer a “uma categoria fragmentada”, pela percepção individual dos atores organizacionais.

### 6.3 Representações de poder na ferrovia

As representações simbólicas acerca do poder foram abordadas de duas formas diferentes pelos entrevistados e, por sua distinção, merecem ser tratadas em duas etapas.

A primeira delas é a representação de “poder sobre o trabalho”. Apesar de a operação de composições ferroviárias ser um processo rigidamente padronizado, tanto internamente, pelas empresas de logística ferroviária, quanto pela normalização específica dos órgãos regulamentadores do setor, foi diagnosticado junto aos maquinistas entrevistados que, dentro das suas atribuições diárias, eles detém o poder de decidir, dentro das limitações inerentes a função, o que fazer e como executar as suas tarefas.

Na visão de Sato (1995, p.198), “poder sobre o trabalho” é “a possibilidade de o trabalhador interferir e mudar prescrições que definem normas no nível da tarefa a ser por ele executada”, sendo que, a limitação deste poder, faria com que o trabalho fosse sentido como “complicado”, “problemático” e “ruim demais”.

[...] a operação de locomotiva, em relação aos tipos de trens, não existe trem igual, cada um é diferente. É necessária muita concentração na hora do trabalho, porque todos os trens são diferentes uns dos outros, é como se fosse uma digital, não existe um igual ao outro, pode ter a mesma quantidade de vagões com a mesma locomotiva, mas sempre tem alguma coisa diferente. Aí a gente tinha autonomia para fazer o que é necessário, [...] era você e a máquina, mais ninguém (Maquinista 11).

A segunda forma de representação de poder observada durante a fase de tratamento dos dados pode ser relacionada às representações simbólicas de poder da própria ferrovia e de suas condições operacionais, tais quais o monopólio da EFVM nas áreas onde opera, o tamanho das composições ferroviárias, o peso transportado pela ferrovia, etc.

[referindo-se a EFVM] é um diferencial das outras ferrovias. É a maior ferrovia do país em volumes transportados, então ela é progresso. A função das ferrovias no país é tirar caminhões das estradas, e o volume transportado na Vitória a Minas diz tudo. Os recordes que ela bate. É de admirar o poder que a ferrovia tem de mudar as coisas por onde passa (Maquinista 07).

As representações de poder identificadas neste segmento remetem à relação entre o trabalhador e o contexto de trabalho identificados na pesquisa, à relação entre as condições objetivas e as disposições subjetivas, e à relação entre a realidade operacional da ferrovia e sua representação para os que se submetem a esta realidade.

Isto demonstra que o simbólico não está à parte das organizações, mas faz parte delas, estruturando visões sobre elas e sobre as relações entre os indivíduos e a organização, e entre o indivíduo e o trabalho (SATO, 1995).

#### 6.4 Representações de *status* na ferrovia

Pode-se observar durante a pesquisa de campo uma visão dualista dos entrevistados acerca do *status* do grupo com relação ao meio social ao qual se insere. Ou seja, os elementos de representação acerca do *status* do grupo variaram em torno de dois pólos de inserção, a saber: os maquinistas e a ferrovia, e os funcionários da Companhia Vale do Rio Doce - CVRD e a sociedade, gerando representações similares, ancoradas em objetos diferentes – a EFVM e a CVRD<sup>2</sup>.

Em um primeiro momento, quando relacionados a EFVM, o grupo de entrevistados coloca-se em uma posição nitidamente de destaque, onde sua importância é percebida e reconhecida pela comunidade que compartilha deste ambiente, conforme se pode observar nos fragmentos a seguir:

[...] o pessoal que fala que é maquinista, tem um *status* maior, [...] a questão financeira também é melhor, né? Muita hora extra, diária, e outros adicionais. Se você olhar bem, todo mundo da ferrovia, um dia já pensou em ser maquinista (Maquinista 01).

O segundo momento pouco difere do primeiro, pois quando relacionados à comunidade externa à organização, o grupo de entrevistados, também se reconhece em posição de destaque. Conforme pode-se verificar no fragmento abaixo.

[...] quando eu fui estagiar, eu nunca tinha visto um trem, depois eu já tava com carteira assinada, mas eu não conhecia uma composição ferroviária, uma locomotiva sequer. Mas só de estar usando o uniforme caqui<sup>3</sup> [...] as pessoas já olhavam para a gente de forma diferente, [...] os funcionários da Vale são muito respeitados lá fora (Maquinista 09).

No entanto, percebe-se um deslocamento sutil dos atores sociais para um grupo maior, e de maior visibilidade junto à sociedade, ou seja, o “maquinista” dá lugar ao “funcionário da Vale”. Essa mudança na percepção dos atores, com relação a sua filiação grupal, demonstra a necessidade de adaptação dos indivíduos a novos grupos sociais, de maior representatividade, com vistas a manter o seu *status quo* (SILVA, 2003), adquirido por intermédio das relações sociais.

#### 6.5 EFVM, de “porto seguro” a “trampolim”: duas visões de uma mesma empresa

Embora os quatro elementos das representações simbólicas da ferrovia identificados até aqui – “prosperidade e esperança”, de “pertença e reconhecimento”, de “poder” e de “*status*” – estejam presentes na fala da maioria dos atores sociais, permeando a discurso dos sujeitos de pesquisa de forma recorrente e persistente, alguns “pontos de ruptura” puderam ser notados, no que tange as representações sociais da ferrovia, para alguns de seus membros.

Estes pontos de ruptura estariam atrelados a alguns eventos históricos específicos que, na percepção dos atores sociais, demarcariam, de forma determinante, o limite entre a “ferrovia de

antigamente” e a “ferrovia de hoje”, dando demonstrações claras do surgimento de novas representações simbólicas.

Estas representações, no entanto, seriam compartilhadas somente por subgrupos, formadas dentro da classe estudada, dando margem ao surgimento de formas, muitas vezes antagônicas, de se perceber um mesmo objeto – a EFVM.

Na ótica destes atores, o principal evento histórico que contribuiu para o surgimento destas rupturas com a “antiga EFVM”, até então considerada como um “porto seguro” foi o advento da privatização da Companhia Vale do Rio Doce, conforme pode ser verificado no fragmento abaixo:

[...] Não sei se eu estaria certo não, porque quando eu entrei já era privatizada tinha um tempo [referindo-se a CVRD]. Mas que todo mundo divide a história da ferrovia em duas partes, divide. Foi um divisor de águas [...] existe o antes e o depois da privatização. [...] ah... mudou tudo né? A tecnologia, a forma de gestão, o ritmo de trabalho, as exigências, mas principalmente o salário, [...] esse aí morreu mesmo [referindo-se ao salário] (Maquinista 01).

Na busca por entender melhor o fenômeno exposto, buscou-se então, na fala dos atores, quais seriam os motivadores do surgimento destas rupturas, que teriam dado margem ao surgimento desta nova representação.

Identificou-se, então a recorrência de três aspectos, ou elementos centrais desta representação, que estariam voltados, respectivamente, para: a questão salarial, o modelo de gestão adotado e as alterações do mercado de trabalho.

Para Castell (apud SIBILIA, 2003), tais práticas estão amparadas em um objetivo comum: a proposta de um novo modelo de humanidade, desprovido das profundezas do inconsciente, do compromisso social e do peso da história. Segundo o autor, esta mutação envolve um decidido apego aos valores associados ao mercado, como rentabilidade, eficiência e *performance*, no intuito de proporcionar soluções técnicas a todos os problemas (sejam eles da alma, do corpo ou da sociedade) na busca pragmática de resultados rápidos, tangíveis e mensuráveis. O que viria a ser a disseminação da lógica funcionalista da empresa, por todo o corpo social da mesma.

## 7. Considerações Finais

A proposta deste artigo é descrever e analisar as representações simbólicas em uma organização com fortes características regionalistas e de grande representatividade histórica e cultural na região sudeste, pela ótica de uma de suas classes de trabalhadores, a classe dos maquinistas. Para isso foi necessário o exercício da interdisciplinaridade, aproximando os estudos organizacionais com a teoria das representações sociais e áreas afins como psicologia social, antropologia e sociologia.

Ao analisar as representações sociais da EFVM, pela ótica de seus maquinistas, pôde-se perceber que, além do prescrito, do observável a “primeira vista” ou mesmo das “aparências”, existem significações e representações simbólicas acerca da ferrovia, que influenciam, de forma determinante, a percepção dos funcionários com relação à organização. O que demonstra a necessidade de técnicas de gestão e análise da cultura e do simbolismo organizacionais que

contemplem a diversidade, a complexidade, a pluralidade e a subjetividade que é própria dos indivíduos que estão compartilhando do ambiente organizacional.

A teoria das representações sociais demonstrou, mais uma vez, tratar-se de uma ferramenta imprescindível aos estudos organizacionais, ao permitir o “aflorar” das questões subjetivas que permeiam a vida de uma determinada comunidade, neste caso, os maquinistas da EFVM. A discussão sobre a dimensão social das representações mostrou, assim, que estas não se limitam a um processo de natureza individual, psicológica, mas que se desdobram, pela apropriação pessoal da realidade, dos objetos, pelo fato de se constituírem num processo inscrito num contexto social onde há a comunicação e o compartilhar de experiências pessoais com outros indivíduos em suas práticas sociais.

É importante destacar, ainda, que a identificação de heterogeneidades, dentro das organizações estudadas, não garante maior controle das realidades organizacionais, mas a convivência com o reconhecimento das diferenças e a busca por mediá-las pode levar a um processo no qual é dada importância à autonomia dos atores, bem como às diversas formas de interações sociais que fogem do controle organizacional. Entende-se assim a necessidade de interpretar as organizações como sendo uma cultura, em constante transformação pela ação dos membros das organizações, que constroem e são moldados através da prática social dos atores e das representações sociais que delas emanam.

## 8. Referências

- AKTOUF, O. O simbolismo e a cultura de empresa: dos abusos conceituais às lições empíricas. In: CHANLAT, J. F. (Org.). **O indivíduo nas organizações: dimensões esquecidas**. São Paulo, Atlas, 1994. v. 2, p. 39-79.
- AUGRAS, M. **A dimensão simbólica**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1967.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUER, M. A popularização da ciência como imunização cultural: a função de resistência das representações sociais. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis, Vozes, 1995.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto Codex: Porto, 1994.
- BURRELL, G.; MORGAN, G. **Sociological paradigms and organizational analysis**. Londres: Heinemann, 1979.
- CALDAS, M. P. Santo de casa não faz milagre: condicionantes nacionais e implicações organizacionais da fixação brasileira pela figura do “estrangeiro”. In: MOTTA, F. P.; Caldas, M. P. **Cultura organizacional e cultura brasileira**. São Paulo: Atlas. 1997.
- CASTELL, R. La gestión de los riesgos. In SIBILIA, P. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- CAVEDON, N. R. As representações sociais dos universitários sobre o trabalho. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 23., 1999. Foz do Iguaçu. **Anais eletrônicos...** Foz do Iguaçu: ANPAD, 1999. 1 CD-ROM.

- \_\_\_\_\_. Pode chegar freguês: a cultura organizacional do mercado público de porto alegre. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **O&S: organizações e sociedade**. Salvador, v.29, n.30, jan./abr. 2004.
- CHANLAT, J. F. O ser humano, um ser simbólico. In: CHANLAT, Jean François (org.). **O indivíduo nas organizações: dimensões esquecidas**. São Paulo: Atlas, 1996. v. 3, p. 227-229.
- \_\_\_\_\_. **Ciências sociais e management: reconciliando o econômico com o social**. São Paulo: Atlas, 2000.
- CONTRIOPOULOS, A. et al. **Saber preparar uma pesquisa: definição, estrutura e financiamento**. São Paulo – Rio de Janeiro: Hucitec – Abrasco, 1994.
- DUARTE, S. V.; FURTADO, M. S. V. **Manual para elaboração de monografias e projetos de pesquisa**. 3 ed. Montes Claros: Unimontes, 2002.
- FARR, R. M. Representações sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- FISCHER, T; MCALLISTER, M. Nota técnica: jogando com cultura organizacional. In: CLEGG, S; HARDY, C; NORD, W (org.). In: **Handbook de estudos organizacionais**. CALDAS, M; FACHIN, R; FISCHER, T. (org. da edição brasileira). São Paulo: Atlas, 2001 vol. II.
- GARRIOCH, D. Insultos verbais na Paris do século XVIII. In: BURKE, P.; PORTER, R. **História social da linguagem**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. Introdução. In: GUARESCHI, P. e JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis, Vozes, 1995.
- JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org. ). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- LINSTED, S. A. GRAFTON-SMALL, R. Organizational bricolage. In: TURNE, B. A (Ed.). **Organizational symbolism**. New York: De Gruyter, 1990. p. 291-309.
- MACHADO FILHO, C. B. **Masculinidade: representações sociais e práticas afetivas**. 2003. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2003.
- MARTIN, J. **Cultures in organizations: three perspectives**. New York: Oxford University Press, 1992.
- MORGAN, G. **Imagens da organização**. São Paulo: Atlas, 1996.
- \_\_\_\_\_.; FROST, P. J.; PONDY, L. R. Organizational symbolism. In: PONDY, L. R.; FROST, P. J.; MORGAN, G.; DANDRIDGE, T. C. **Organizational symbolism**. Connecticut: Jai Press Inc., 1983.
- MOREIRA, E. M. **Trabalho, Tempo, Espaço e Subjetividade**. Revista Política & trabalho, p. 93-120, disponível em <http://www.cchla.ufpb.br/ppgs/politica/15-moreira.html> acesso em 10/05/2005. 15 de setembro /1999.
- MOREIRA, A. M. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- \_\_\_\_\_. Prefácio. In: GUARESCHI, P. e JOVCHELOVITCH, S. **Textos em representações sociais**. Petrópolis, Vozes, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Representações sociais: investigações em psicologia social** Petrópolis: Vozes, 2004.
- MOTTA, F. C. P.; VASCONCELOS, I. F. F. G. **Teoria geral da administração**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- PAGÈS, M. *et ai*. **L'emprise de l'organisation**. Paris: PUF, 1979.

- PERIM, P. C. **Os descaminhos da educação sexual:** um estudo a luz da teoria das representações sociais. 2000. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2000.
- RODRIGUES, S. B. CARRIERI, A. P.; LUZ, T. R. Competição organizacional: bricolagem simbólica e seus significados para os gerentes. In: RODRIGUES, S. B.; CUNHA, M. P. (Org.). **Estudos organizacionais:** novas perspectivas na administração de empresas (uma coletânea luso-brasileira). São Paulo: Iglu, 2002.
- SÁ, C. P. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, M. T. P. (Org.). **O conhecimento do cotidiano:** as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 19 – 45.
- SATO, L. A representação social do trabalho penoso. In: SPINK, M. J. (Org.). **O conhecimento no cotidiano:** as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SILVA, A. R. L. da. **Cultura em organizações:** um estudo de caso sobre o discurso corporativo. 2003. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2003.
- SOUZA, L. Processos de categorização e identidade: solidariedade, exclusão e violência. In: SOUZA, L.; TRINDADE, Z. A. (Orgs.). **Violência e exclusão:** convivendo com paradoxos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.
- TURNER, B. R. Introduction. In : TURNER, B. R. (ed). **Organizational symbolism.** New York: de Gruyter, 1990.
- VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- \_\_\_\_\_. C.; FERREIRA, V. C. P. A representação social de ONG's de formadores de opinião do município do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 28., 2004, Curitiba. [**Anais eletrônicos...**] Curitiba: ANPAD, 2004. 1 CD-ROM.
- WAIANDT, C. **Do “pai ao irmão” – Representações familiares em transição:** a experiência de uma empresa capixaba de refrigerantes. 2005. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2005.
- YIN, R. K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

<sup>1</sup> O maquinista quando se refere a estar no trecho, esta se referindo a estar em transito, estar em viagem, ou mesmo estar em transito entre um ponto A e um ponto B da ferrovia.

<sup>2</sup> A CVRD é a proprietária da EFVM. No início de 2008 a empresa passou a se chamar Vale.

<sup>3</sup> Caqui é a cor utilizada nos uniformes da EFVM.